

## Literatura infantil na web: novo gênero, novo termo

### RESUMO

A contínua evolução tecnológica, através da desmaterialização dos seus suportes, tem afetado de modo preciso a cultura e o entretenimento, provocando alterações em toda a cadeia produtiva e alcançando o modo de consumo. A diminuição gradativa da dependência do físico conduziu fortemente a literatura para a tela, agregando ferramentas inovadoras ao texto, transformando o livro num conjunto híbrido de narrativa, jogo, vídeo e comunidade, estimulando a interação e a cocriação. A partir de tais constatações, prosperam indagações sobre qual é a representação do termo livro no contexto atual. O presente artigo compõe a fundamentação teórica da investigação no Estágio Pós-Doutoral, em realização no Departamento de Comunicação e Arte, da Universidade de Aveiro-Portugal, e propõe uma reflexão sobre a terminologia adotada para o livro no ambiente digital. Com base em pesquisa bibliográfica, apoiada em textos e com foco nas publicações das últimas décadas, apresenta-se o termo literatura-serviço para designar as obras literárias interativas e destinadas ao público infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura-serviço. Livro digital interativo. Literatura infantil digital. Aplicativos de literatura infantil.

## INTRODUÇÃO

As evoluções decorrentes da tecnologia são marcadas pela velocidade e verticalidade ascendente. Em consequência, o livro, a leitura, a literatura e o leitor devem ser vistos a partir de tais circunstâncias, o que requer ir em busca da interdisciplinaridade entre áreas que permeiam o contexto literário e tecnológico, de modo a compreender e analisar a vanguarda contemporânea.

Diante dessas mutações acarretadas pela tecnologia, o livro adquiriu novo significado. Inicialmente, ele passou por um processo de digitalização dos textos, originalmente disponíveis em formato físico, oferecendo a possibilidade de leitura em computadores. Hoje, de modo particular, a narrativa literária é apresentada entremeadada por hiperlinks e envolvida por mídia estática e dinâmica, com ferramentas de interação, produção e partilha.

Considerando o exposto, este estudo, além de tratar sobre um outro formato de livro, elenca algumas das terminologias usadas para designar o livro de literatura digital e faz a proposta de um novo termo: literatura-serviço. Tal estudo está inserido na pesquisa de Estágio Pós-Doutoral, em realização no Departamento de Comunicação e Arte, da Universidade de Aveiro-Portugal<sup>1</sup>, cujo objetivo é analisar o comportamento e a experiência do leitor infantil nos aplicativos de literatura-serviço.

A fundamentação teórica prioriza textos datados de 2010 a 2019, mas, devido à relevância de alguns trabalhos, retrocede-se um pouco dessa data, visando trazer seiva para os argumentos.

### 1. NOVO GÊNERO, NOVO TERMO

O paradigma pós-custodial apresenta um novo design para a informação, com maior ênfase no uso do conteúdo informacional e reordenamento de estruturas e novos comportamentos informacionais. Sem dúvida, o período vivido retrata uma era original e de vanguarda, apontada como a “terceira revolução da história da leitura” (NOVOMISKY; AMÉRICO, 2016, p. 158).

A leitura em suporte digital, segundo Bento, Lencastre e Pereira (2017), tem como características dimensão social, pois fornece acesso a outros textos disponíveis na *web*; o monitoramento, colocando o leitor como protagonista da sua leitura; o aspecto lúdico, resultado da participação, interação e cocriação; e a multimodalidade, tendo em vista o conjunto de linguagens que convergem. Convém destacar a especificidade da literatura infantil, que, desde tempos remotos, sempre apresentou um aspecto vanguardista, com a convergência de linguagens ao unir palavras e ilustrações. Depois, ao livro foram agregados recursos mínimos de interação, como o som, o toque, a textura, e outros. Sobre isso, vale resgatar as palavras de Coscarelli em palestra realizada em 2019, quando enfatizava a diversidade de cores, tipos de letra, formação e outros elementos que compõem o universo do livro literário em suporte físico: “todo texto impresso é multimodal, ou seja, não é inaugurado pelo digital” (informação verbal).

O livro literário, ao ser inserido na cibercultura, expõe um recente formato de criação literária, originado e oferecido em meio digital e designado de ciberliteratura. Por esse motivo, todo estudo sobre tal literatura deve ter um olhar diferenciado, pois “a história contada por meio da hipermídia [...] deve ser reconhecida como um novo tipo de narrativa, tal como oral e escrita” (TEIXEIRA; GONÇALVES, 2015, p. 4).

Por utilizar todo o potencial comunicativo e interativo da contemporaneidade, o texto ciberliterário recebe uma nova materialidade, que, através da interação *touchscreen*, possibilita “flexibilidade nas relações entre os conteúdos que passam a assumir uma estrutura em rede, em que “nós” (palavras, imagens, vídeos, sons) do discurso se conectam com outros ‘nós’ das associações estéticas e cognitivas” (OLIVEIRA; BALDI, 2013, p. 105).

Considerando toda essa complexidade que envolve o livro na tela nesta época, termos e definições emergiram, como entre os quais citam-se aplicativos de leitura, aplicativos de livro, *books apps*, livros eletrônicos e demais. O termo aplicativo de livro, segundo Sargeant (2015), teve origem dentro da *App Store* da Apple. Kucirkova (2017, p. 1172) ressalta que “‘apps’ is used for digital interactive books and ‘e-books’ for digital books with no hyperlinks or hotspots”<sup>2</sup>.

O *Diccionario Digital de Nuevas Formas de Lectura y Escritura* (CORDÓN GARCÍA et al., 2019) define aplicações de leitura como “programas informáticos que permiten la gestión de contenidos, principalmente textuales, y el acceso a los mismos, así como la interacción con el lector usuario, facilitando en la mayor parte de los casos la adaptación del contenido”<sup>3</sup>. Pesquisadores do Grupo E-LECTRA, da Universidade de Salamanca, indicaram que aplicativos de livros são “programas informáticos pero ligados a la lectura de un título determinado y que se adquieren de forma independiente en las plataformas de distribución y venta”<sup>4</sup> (GARCÍA RODRÍGUEZ et al., 2014, p. 7).

O trabalho de Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), ao abordar as mudanças do comportamento humano na leitura, intitula “*books as a service*”<sup>5</sup> o livro digital sobre um *software* de aplicação, o qual permite o acesso ao texto e às funções a ele relacionadas e elenca as características da plataforma, especificadas a seguir.

Seguindo a tendência da maioria dos serviços culturais e de entretenimento do início do século, o livro também está na nuvem e permite o acesso ao seu conteúdo de forma mais imediata, independente do dispositivo e localização. Hidalgo e Malagón (2014, n.p.) assinalam como um dos benefícios dos “*books on cloud*”<sup>6</sup> a oferta de dados sobre o comportamento do leitor, visto que todo seu percurso de interação com o texto fica armazenado na plataforma, possibilitando contribuições para estudos e pesquisas em diversas áreas do conhecimento.

Um dos requisitos básicos para o livro na nuvem é a interoperabilidade, ou seja, a capacidade de distintos *softwares*, *hardwares*, marcas e modelos de computadores e linguagens dialogarem. Entretanto, aponta-se que, até agora, ainda não se tem uma sinergia totalmente ampla e eficaz. Alguns sistemas operacionais exigem um redesenho para a compatibilidade em cada dispositivo, o que pode acarretar dificuldades e obstáculos de acesso ao texto.

Neste estudo, considera-se que uma das particularidades mais promissoras e salutares do livro enquanto serviço destinado ao leitor é a “*conversation*”<sup>7</sup> em torno do texto. Em destaque, estão os diálogos que ecoam entre leitores e entre

autores e leitores do texto literário, pois considera-se que esse recurso pode se reverter em um grande incentivo para a leitura prazerosa. Apesar de ainda não ser comum, a narrativa pode ser dinâmica e ser construída com base em debates e comentários acrescidos ao original. Logo, *“conversation around books has always existed. The existing limitation until now was that this conversation is realized outside of the book”*<sup>8</sup> (HIDALGO; MALAGÓN, 2014, n.p.).

A cada dia, a quantidade de livros em formato digital cresce de forma lépida, acarretando dificuldades para o usuário encontrar o texto necessário ou preferido, já que a infinidade de opções dispersas e geralmente desorganizadas atrapalham essa busca. A *“discovery”*<sup>9</sup>, segundo Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), exige novas ferramentas que ofereçam maneiras diferentes de acessar e descobrir o conteúdo assertivo.

Atualmente, a indústria do entretenimento sofre uma disrupção na oferta de seu *“business model”*<sup>10</sup>, migrando da oferta do produto para a oferta do serviço. O resultado é a forma de consumo do usuário, que prioriza o acesso ao conteúdo por saber que o mesmo estará disponível no tempo que desejar. Assim, a indústria do livro digital está se adaptando a essa cultura contemporânea e do consumo desmaterializado. Por isso, serviços diferentes e originais nascem como modelos de negócio baseados em sistema de assinatura e fidelização, embora Hidalgo e Malagón (2014, n.p.) sugiram que a avaliação desses modelos como promissores para o futuro é insegura neste momento.

*“Openness”*<sup>11</sup>, conforme Hidalgo e Malagón (2014), transforma o livro em uma série de *bits* e *bytes* e traz uma analogia do livro como um contêiner de aplicativo. Em outras palavras, um aplicativo pode ser um livro ou um conjunto em torno de um livro ou de livros pelo qual o leitor pode ler, ouvir e ver aspectos relacionados à obra. Além disso, pode fazer a fusão desses elementos com outros *bits* e *bytes* que pertencem a outros textos, com outras imagens, vídeos e áudios. Para os autores acima, esse pode ser o futuro do livro, ou somente uma fase intermediária, *“but there is no doubt that this ‘hybridization’ that some call ‘transmedia’ will be a mandatory step in the following years”*<sup>12</sup> (2014, n.p.).

García-Rodríguez e Gómez-Díaz (2016), a fim de melhor compreender o conceito do livro digital, oferecem categorias para o mesmo, tendo por base o conteúdo, o acesso e o objetivo: livro eletrônico, aplicativos de leitura e livro *apps*. O livro que nasceu de forma impressa e passou por um processo de digitalização e transformação para seu uso na tela é chamado, pelas autoras, de livro eletrônico. Os aplicativos de leitura consistem em programas de *software* específico para dispositivos móveis e que permitem aos usuários a realização de tarefas como ler, ouvir, criar e jogar. Como afirmam as autoras, o *“libro app es aquel en el que el contenido no se puede desligar de la aplicación y, a diferencia de las apps de lectura, son títulos concretos para los que se ha desarrollado un programa específico”*<sup>13</sup> (2016, p. 177).

Diante do exposto, retomam-se os estudiosos Sargeant (2015) e Kucirkova (2017), que comungam da mesma ideia ao assegurarem que há uma falta de consenso sobre os termos. Acrescenta-se ainda o estudo de Grau, Oddone e Dourado (2013, n.p.), que, ao considerarem a inconsistência no conceito e na terminologia, registram igualmente ambiguidade entre conteúdos, formatos, veículos e leitores de livros digitais e eletrônicos.

O universo dos livros digitais é múltiplo, complexo e inédito, com lacuna de estudos quanto aos recursos e possibilidades de suporte, experiências e construções adquiridas a partir da leitura. Isso exige estudos interdisciplinares sobre o tema, particularmente quando dirigido às crianças, público com especificidades marcantes e delicadas.

## 2. LITERATURA-SERVIÇO: UMA PROPOSTA

Perante uma conjuntura na qual se faz necessário encontrar um remate para a nomenclatura apropriada, pretende-se contribuir com a questão e evidenciar o termo literatura-serviço. O desafio é incitar o debate a respeito da proposta e de sua pertinência.

O termo literatura-serviço foi cunhado em maio de 2018 pela autora deste artigo, na Mesa-Redonda “História do Livro e da Leitura”, durante o II Colóquio Internacional sobre a História do Livro, da Leitura e das Bibliotecas. O evento foi realizado pelo Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras - NEDHEL/UFMA/CNPq e teve como produto a publicação de um livro, no qual há um capítulo intitulado “O livro na *web* e a oferta da literatura-serviço”.

O termo tem como base os estudos exibidos acima e busca representar a extensão da tecnologia digital na literatura, que passa a ser consumida por uma experiência *online* em plataformas de interação e partilha social, com características de onipresença e mobilidade. Portanto, o uso da palavra serviço está baseado no entendimento de Vavolizza *et al.* (2019), que trata da leitura literária como uma atividade incorpórea, de trocas invisíveis entre partes (autor-leitor, leitor-leitor, texto-leitor, texto-autor).

Zilberman, em 2007, apontou que, quando se percebe “o livro como face material da literatura, cabe aceitar corresponder esta a uma mercadoria, artefato fabricado em quantidade por profissionais, conforme a sistemática de uma indústria específica” (p. 266). Isso significa entender a literatura como um produto pronto e produzido para o consumo. Entretanto, no presente, a literatura pode ser pensada como um serviço, visto que é uma atividade sempre inacabada e em constante processo, desenvolvida para responder às demandas, desejos e necessidades dos leitores.

A literatura-serviço ocorre a partir de trocas e interações, que, somadas às referências particulares, transformam a experiência do leitor durante a atividade de leitura *online*.

O consumo de serviços literários *online* remete à experimentação, isto é, na vivência única e particular com o produto, com destaque para as práticas e interações que o constituem. As plataformas sociais de literatura-serviço incorporam a perspectiva do consumo hedônico, conceituado por Albuquerque *et al.* (2014, p. 40) como “as facetas do comportamento de um indivíduo relacionadas aos aspectos multissensoriais e emocionais da experiência dele com os produtos e ou serviços, portanto o prazer de consumir reside na imaginação do indivíduo”. A literatura-serviço percebe o consumo como experiência, pois “pressupõe a total imersão do indivíduo em um ambiente alusivo a uma memória anterior e ao

deslocamento do significado de identidades, objetos, ambientes, entre outros elementos constitutivos do mundo real” (PEREIRA; SICILIANO; ROCHA, 2015, p. 9).

Com base em Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), a literatura-serviço tem como modelo de negócio a subscrição ou assinatura, que segue o formato de serviços de *streaming*, incluindo o pagamento preestabelecido em troca de acesso à obra. O mundo digital permite que a tecnologia assuma boa parte do sistema comercial, a exemplo das automações, que facilitam desde a entrega até o sistema de pagamento. Em grande parte, o modo de pagamento envolve o crédito *online*.

Com os aplicativos de literatura-serviço, têm-se desenhos originais de produção e acesso à literatura, mas, principalmente, novas configurações no seu consumo, as quais valorizam o ato da vivência única e particular com o texto literário digital, destacando as práticas e interações que o constituem. Nesse ecossistema literário e midiático, Garcia (2014, p. 200) destaca a necessidade de valorizar a experiência humana como condição para interpelar as transformações instauradas a partir das tecnologias emergentes.

A conversação, descrita por Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), tem presença na literatura-serviço com a formação de comunidades de leitores/escritores em volta da obra, e se desenvolve através de conversas e diálogos entre os usuários, com apoio das ferramentas de interação. As redes sociais agregadas à plataforma de literatura-serviço oferecem uma inédita interação entre pessoas, além da formação de redes egocêntricas, fundamentadas pelo interesse literário. As redes egocêntricas são comunidades que nascem a partir da interação reativa e são formadas pelos intercâmbios mantidos entre dois ou mais interagentes, sejam pessoas, objetos ou ideias (FURTADO, 2013, p. 268).

Enfatiza-se o papel da curadoria nas plataformas de literatura-serviço, muitas delas compreendendo uma equipe multidisciplinar, cuja função é a seleção e organização dos conteúdos a serem integrados à biblioteca digital. Tal fato ameniza o problema registrado por Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), “*there is no bookseller to help us*”<sup>14</sup> que trata da dificuldade de encontrar o gênero, autor e/ou título desejado em razão da magnitude da web. Ademais, no aplicativo de literatura-serviço existem as ferramentas de recomendação, favoritos e comentários, as quais são feitas pelos usuários e servem de referência para os outros leitores.

No caso específico da literatura para crianças, já foi constatado que as famílias têm dificuldade de identificar os autores e os títulos mais convenientes para seus filhos (FURTADO, 2019) dentre as obras dispersas na *web*. Logo, “falta conhecimento e familiaridade na mediação e interação com interfaces digitais” (MENEGAZZI; SYLLA; PADOVANI, 2019). Nos *apps* de literatura-serviço, a oferta de livros digitais está reunida no espaço da biblioteca e, como tal, é organizada por diversas categorias, como, por exemplo, título, autores, gênero, faixa etária e nível de leitura do usuário. Tal organização, nesses aplicativos, torna mais fácil o acesso tanto do leitor iniciante quanto de suas famílias, assim como a mediação da leitura por parte destes.

A literatura-serviço disponibilizada em formato de *apps* tem, como uma das características, a hibridização (HIDALGO; MALAGÓN, 2014) de interfaces multimodais, que favorece a interação e a experiência sensorial do leitor. As várias ferramentas, que proporcionam interação física, intelectual ou digital (MENEGAZZI; SYLLA; PADOVANI, 2018, p.47), estão integradas e complementam-

se, o que resulta na constituição de novas configurações e linguagens à literatura infantil. Segundo Teixeira e Gonçalves (2015), “o livro como uma hipermídia, principalmente o livro digital de histórias interativas para criança (o *book app* infantil), destaca-se dos demais *ebooks* por sua alta capacidade interativa. Isso acarreta uma mudança radical na configuração do seu conteúdo”.

Para completar a apresentação da proposta terminológica sobre as plataformas de literatura-serviço, reconhece-se como expressiva a afirmação dos autores Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), que destaca “*we go from a ‘book as a product’ approach to the ‘book as a service’ concept*”<sup>15</sup>, além de algumas características evidenciadas pelos autores e elencadas acima.

No entanto, contesta-se o uso do termo ‘livro’ pelo fato deste ser um conjunto de páginas com textos impressos ou encadernados, bem como um objeto inábil para defini-lo no cenário digital. Logo, comunga-se da ideia de Armstrong (2008, p. 1), que considera “*the word ‘book’ is so much a part of every day conversation that there is no doubt but that every reader already has a mental image and a complete understanding of what is being discussed*”<sup>16</sup>. Tal imagem mental ressaltada pelo autor remete à imagem do livro objeto. Chartier (2009, p. 12), ao comentar as transformações históricas do livro, enfatiza que “é difícil empregar ainda o termo objeto. Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor”.

Dessa forma, o termo livro fica à margem dos elos construídos entre o conteúdo, em especial da literatura, o arsenal da tecnologia digital e a forte interação criança-computador. A literatura infantil, historicamente planejada e ordenada em páginas compostas por textos e ilustrações, infringe esse processo de valorização das relações entre as mídias, que é a base para articulação da narrativa no ciclo de desmaterialização do livro e das práticas de leituras.

Com efeito, propõe-se a utilização do termo literatura-serviço para indicar o *software* de aplicações que incorpora ferramentas de mídias estáticas e/ou dinâmicas, podendo ainda apresentar recursos de hipermídia e/ou hipertexto. Substitui-se, portanto, os diversos termos, como *book apps*, *app books*, livros-aplicativo, aplicativos de livro, livros digitais interativos, aplicações de leitura e outros.

Considerando o fato de que o panorama contemporâneo dos livros interativos infantis possibilitou “*shift away from the book form factor altogether*”<sup>17</sup> (FREED; SYLLA; BRANCO, 2011), atesta-se que o termo literatura-serviço representa melhor tal contexto, tendo em vista o universo das crianças da última geração.

Em complemento, destacam-se, ainda, dois *apps* brasileiros que exibem características da literatura-serviço. O primeiro é o StoryMax<sup>18</sup>, que “é um app para quem quer ler com prazer e para quem quer gostar de ler” (STORYMAX, 2020). Reúne uma biblioteca de dez *ebooks*, com usuários em todo o mundo e prêmios nas áreas de educação, literatura, novas mídias e inovação. Apresenta as características da literatura-serviço de livros na nuvem, de interação e experiência multissensoriais, através de ferramentas de mídias dinâmicas, com modelo de negócio de assinatura e a curadoria para composição do acervo da biblioteca. O segundo é o aplicativo TecTeca<sup>19</sup>, que surgiu no mercado recentemente e, tem em seu acervo literatura infantil para crianças de até 10 anos, dividido por faixa etária

e gênero literário, com uso de recursos de gamificação e customização. O aplicativo StoryMax e a TecTeca exibem propriedades de literatura-serviço similares, porém este último ainda dispõe de uma comunidade de leitores, formada dentro da própria plataforma.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias digitais e móveis na cultura consagram um inédito modo como as pessoas observam, entendem e se relacionam com os objetos culturais, em destaque a criança e o livro literário. Trata-se de uma mudança radical, a partir da qual a tecnologia passa a ter um papel estratégico central e não apenas uma representação superficial e limítrofe, especialmente em relação à experiência do leitor infantil.

A literatura-serviço para crianças, por seu caráter híbrido, enfrenta obstáculos como a própria evolução cumulativa e irreversível da tecnologia, que dificulta o seu acompanhamento e mediação pelas famílias e educadores. Além disso, acentua-se o preconceito sobre seus benefícios, tendo em vista a maior valorização simbólica do livro e da palavra escrita ainda neste século.

Assim sendo, nesse cenário infocomunicacional mediado por tecnologias emergentes, o estudo da informação literária a ser consumida pelas crianças torna-se tempestivo e imperativo. Percebe-se que tal tema ainda não está consolidado como objeto de estudos das diversas disciplinas que o envolvem. Para tal sucesso, recomenda-se uma abordagem interdisciplinar, um trabalho conjunto entre áreas relacionadas à Ciência da Informação, Educação, Letras, Design, Psicologia e toda a cadeia produtiva dos livros. A partir dessa vertente, pode-se obter dados sobre como as novas gerações fazem uso de determinado ambiente informacional, incluindo seus desafios, obstáculos, experiências e aprendizados.

Esses novos cenários contextuais criam novas possibilidades de leitura, escrita e cocriação através das plataformas de literatura-serviço. Ademais, por meio da apropriação e transmissão, dão origem a reconfigurações cognitivas e afetivas ainda em processo de afirmação e compreensão, mas potencialmente enriquecedoras.

## Children's literature on the web: new gender, new term

### ABSTRACT

The continuous technological evolution has affected, in a precise way, culture and entertainment, with the dematerialization of its supports, causing changes in the entire production chain, reaching even the consumption mode. The gradual decrease of the dependence of the physical had strongly led literature to the screen, adding innovative tools to the text, transforming the book into a hybrid set of narrative, game, video and community, thus stimulating interaction and co-creation. From these findings, questions about what the term book represents in the current context thrive. This article indites the theoretical basis of the research of the Post-Doctoral Internship, carried out at the Department of Communication and Art, of the University of Aveiro-Portugal, and proposes a reflection on the terminology adopted for the book in the digital environment.

**KEYWORDS:** Service-literature. Interactive digital book. Digital children's literature. Children's literature apps.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Orientação da Professora Doutora Lídia Oliveira - DigiMedia - Digital Media and Interaction Research Centre (<http://digimedia.web.ua.pt/>)
- <sup>2</sup> “apps” é usado para livros interativos digitais e “e-books” para livros digitais sem hiperlinks ou pontos de acesso (tradução nossa).
- <sup>3</sup> “programas de computador que permitem o gerenciamento de conteúdo, principalmente textual, e acesso a eles, bem como a interação com o leitor do usuário, facilitando na maioria dos casos a adaptação do conteúdo” (tradução nossa).
- <sup>4</sup> “programas de computador, mas vinculados à leitura de um determinado título e adquiridos de forma independente nas plataformas de distribuição e vendas” (tradução nossa).
- <sup>5</sup> “livros como serviço” (tradução nossa).
- <sup>6</sup> “livros na nuvem” (tradução nossa).
- <sup>7</sup> “conversação” (tradução nossa).
- <sup>8</sup> “a conversa em torno dos livros sempre existiu. A limitação existente até agora era que essa conversa fosse realizada fora do livro” (tradução nossa).
- <sup>9</sup> descoberta (tradução nossa).
- <sup>10</sup> modelo de negócio (tradução nossa).
- <sup>11</sup> abertura (tradução nossa).
- <sup>12</sup> “mas não há dúvida de que essa ‘hibridização’ que alguns chamam de ‘transmídia’ será uma etapa obrigatória nos anos seguintes” (tradução nossa).
- <sup>13</sup> “livro de aplicativos é aquele em que o conteúdo não pode ser separado do aplicativo e, ao contrário dos aplicativos de leitura, são títulos específicos para os quais um programa específico foi desenvolvido” (tradução nossa).
- <sup>14</sup> “não há livreiro para nos ajudar” (tradução nossa).
- <sup>15</sup> “partimos de uma abordagem ‘livro como produto’ para o conceito ‘livro como serviço’ (tradução nossa).
- <sup>16</sup> “a palavra “livro” é parte da conversa diária que não há dúvida, todo leitor já tem uma imagem mental e um entendimento completo do que está sendo discutido” (tradução nossa).
- <sup>17</sup> “afaste-se da forma do livro” (tradução nossa).
- <sup>18</sup> Sotrymax (<https://storymax.me/app.html>)
- <sup>19</sup> TecTeca (<https://tecteca.com/>)

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fabio *et al.* Fatores e experiências hedônicas de não compra. **Revista Global Manager**, Caxias do Sul, v.14, n.1, p. 40-59, 2014. Disponível em: <http://ojs.fsg.br/index.php/global/article/view/964/82>. Acesso em: 10 jan. 2018.

ARMSTRONG, C. Books in a virtual world: The evolution of the e-book and its lexicon. **Journal of Librarianship and Information Science**, n. 40, p. 193-206, set. 2008. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/12277>. Acesso em: 8 jun. 2013.

BENTO, M.; LENCASTRE, J.; PEREIRA, I. Projeto SUPERTABi: Inovação da pedagogia da leitura utilizando dispositivos móveis. In: Encontro Nacional de Jovens Investigadores em Educação, 2, 2017. **Livro de Resumos**. Braga, Universidade do Minho, 2017.

CORDÓN GARCÍA, J. et al. **Diccionario Digital de Nuevas Formas de Lectura y Escritura**. Disponível em <http://dinle.usal.es/>. Acesso em: 5 nov. 2019.

FREED, N.; SYLLA, C.; BRANCO, P. Beyond the binding: exploring the future book. (2011). In: **Conference on Creativity & Cognition**, 8, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/221629752\\_Beyond\\_the\\_binding\\_exploring\\_the\\_future\\_book](https://www.researchgate.net/publication/221629752_Beyond_the_binding_exploring_the_future_book). Acesso em: 20 out. 2019.

FURTADO, C. Literatura Infantil Digital: instrumento para o aprendizado e para o edutinamento. In: Simpósio Internacional e Nacional de Tecnologias Digitais na Educação, 2019. **Anais [...]**. São Luís, EDUFMA 2019. p. 4007-4018.

\_\_\_\_\_. **Rede social de leitores escritores juniores: Portal Biblon**. 2013. 360 f. (Tese). Departamento de Comunicação e Arte. Universidade de Aveiro, Aveiro, 2013.

\_\_\_\_\_. O livro na web e a oferta da literatura-serviço. In: CASTRO, César; VELÁZQUEZ, Samuel (Org). **História da escola: métodos, disciplinas, currículos e espaços de leitura**. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2018. p. 605-628.

GARCÍA RODRÍGUEZ, A. et al. **Elaboración de tutoriales para el manejo de aplicaciones de lectura infantiles y juveniles**. Salamanca, ELECTRA, 2014.

GARCÍA RODRÍGUEZ, A.; GÓMEZ-DÍAZ, R. Contenidos enriquecidos para niños o las nuevas formas de leer, crear y escuchar historias: una propuesta de clasificación. **Revista Chilena de Literatura**, n. 94, p. 173-195, dez. 2016.

GARCIA, W. Linguagem, mídia e consumo: estudos contemporâneos. In: REBECHI JUNIOR, A.; GONZALES, L.; MACIEL, S. **A linguagem nas mídias na era da convergência**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014. p. 195-205.

KUCIRKOVA, N. - An integrative framework for studying, designing and conceptualising interactivity in children's digital books. **British Educational Research Journal**, v. 43, n. 6, p. 1168–1185, 2017.

MENEGAZZI, D.; SYLLA, C.; PADOVANI, S. *Hotspots* em Livros Infantis Digitais: um estudo de classificação das funções. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON DIGITAL DESIGN & COMMUNICATION, 2, 2018, Barcelos. **Anais...** Barcelos, 2018.

\_\_\_\_\_. O design de um método para avaliação da experiência de interação em leitura mediada com livros infantis em dispositivos móveis. In: Information Design International Conference, 9, 2019. **Anais [...]**. Belo Horizonte: SBDI, 2019.

NOVOMISKY, S.; AMÉRICO, M. **Convergencia**: medios, tecnologías y educación en la era digital. La Plata: EDULP, 2016.

PEREIRA, C.; SICILIANO, T.; ROCHA, E. “Consumo de experiência” e “experiência de consumo”: uma discussão conceitual. **Logos: comunicação e universidade**. v. 22, n. 2, p. 6-17, 2015. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/19523/16043>. Acesso em: 7 jan. 2018.

SARGEANT, B. - What is an ebook? What is a Book App? And Why Should We Care? Na Analysis of Contemporary Digital Picture Books. **Children's Literature in Education**, v. 46, n.4, p. 454–466, 2015.

STORYMAX. Storymax. Disponível em: <https://storymax.me/app.html>. Acesso em: 28 jul. 2020.

TEIXEIRA, D.; GONÇALVES, B. - A hipermídia como expressão do conteúdo dramático em narrativa digital interativa: uma análise em livro digital interativo infantil. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, v.12, n.1, p. 1–15, 2015.

VAVOLIZZA, R. et al. - Proposição de design de serviços para uma biblioteca pública com uma abordagem de design centrado no usuário. **Blucher Design Proceedings**. São Paulo: Editora Blucher, 2019. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/30131>. Acesso em: 6 dez. 2019.

ZILBERMAN, R. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. In: PAIVA, A. et al. **Literatura e letramento**: espaços, suportes e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 245-266.

**Recebido:** 01 jun. 2020

**Aprovado:** 22 jun. 2020

**DOI:** 10.3895/rl.v22n37.12613

**Como citar:** FURTADO, Cassia. Literatura infantil na web: novo gênero, novo termo. *R. Letras*, Curitiba, v. 22, n. 37, p. 34-46, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

